

ADICTOS EM SEXO E PORNOGRAFIA: novo sintoma dos estados-límites?

SEX AND VIRTUAL PORNOGRAPHY ADDICTS: a new borderlines symptom?

Mara Lúcia Miranda Baroni¹
Daniela Scheinkman Chatelard²
Fabio Liborio Rocha³

RESUMO: O presente trabalho pretende abordar uma patologia que vem se delineando - a adicção por sexo e pornografia virtual, como possível novo sintoma dos estados-límites. A cultura vem sofrendo mudanças ao longo do tempo: se na clínica de Freud predominavam casos de histéricas, atualmente percebe-se na clínica pacientes com patologias e modos de funcionamentos psíquicos que não podem ser enquadrados na estrutura neurótica e nem da psicótica; são sujeitos que funcionam psiquicamente nos estados-límites. André Green construiu uma metapsicologia em que foca na relação dos sujeitos e suas relações de objeto. Através do seu trabalho do negativo, pôde mostrar como se realiza a constituição psíquica primária nos sujeitos que funcionam psiquicamente nos estados-límites e suas consequências.

Palavras-chave: pornografia; estados-límites; André Green; adicção; cibersexo

ABSTRACT: The present research intends to approach a new pathology which is being developed - the addiction to virtual sex and pornography, as a possible new borderlines symptom. The culture has been suffering changes throughout time: if at the time of Freud, he noticed a high incidence of hysteria in his practice, nowadays, it has been noticed the increase of patients with pathologies and psychical functioning patterns that fit neither into the neurotic nor into the psychotic framework. These patients are individuals that present borderline states as a psychic structure. André Green has built a metapsychology that focuses on the relationship between the individuals and their objects. Through his work of the negative, it is shown how the primary psychic structure is developed within the individuals that fit the borderline state structure, as well as its consequences.

Keywords: pornography; borderlines; André Green; addiction; cybersex

¹ Docente na Universidade Paulista – UNIP. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (PsiCC – IP – UnB). E-mail: marabaroni@hotmail.com

² Psicanalista, professora adjunta no Instituto de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília (PsiCC – IP – UnB). Doutora em Filosofia (Universidade de Paris VIII). Orientadora dos autores para o presente artigo. E-mail: dchatelard@gmail.com

³ Pós-Dr. Fábio Liborio Rocha. Historiador. Pesquisador de cinco Grupos de pesquisa do Cnpq, UnB e UFMA e professor titular de Filosofia do Curso de Direito no Centro Universitário UDF, Brasília. Escritor. E-mail: liborio.fabio@gmail.com

INTRODUÇÃO

Investigar a cultura na qual os sujeitos estão inseridos é uma forma de se entender melhor as patologias que os acometem. Os sujeitos estão submetidos simbolicamente a toda uma estrutura vigente de uma determinada época. Sabemos que todo sujeito é constituído inicialmente a imagem dos seus primeiros objetos. No entanto, a sua passagem para a cultura se dá justamente na fase edípica, em que as leis são internalizadas. Na época em que Freud viveu, a cultura era predominantemente patriarcal e impunha uma profunda repressão sexual. O pai ocupava um lugar central e sua função era marcada por um excesso de autoridade. Essa organização familiar e o poder dogmático e repressor da igreja, sustentando as punições para os que não obedecessem às leis paternas e as divinas, marcaram uma cultura e tornaram seus sujeitos predominantemente neuróticos. Não é por acaso que Freud criou a psicanálise a partir da escuta das histéricas.

Em sua bibliografia e metapsicologia, Freud pesquisou as neuroses narcísicas e a psicose, nos deixou excelentes apontamentos, como, por exemplo, *O Caso Shereber* (1911). Porém, Freud não se ateve ao tratamento dessas estruturas, ele privilegiou as patologias instaladas na fase edípica do desenvolvimento psíquico. Isso nos leva a inferir que os neuróticos eram seu foco de investigação. O filme *A Fita Branca* (2009), de Michael Haneke, ganhador da Palma de Ouro, a despeito da polêmica que se levantou sobre o filme, já que, para alguns, aquela geração mostrada na película viria a ser os jovens e adultos nazistas da 2ª Guerra Mundial, nos mostra como viviam as famílias de um vilarejo protestante no norte da Alemanha em 1913. A cultura patriarcal e extremamente repressora e a religião ditavam as leis desse lugar. Há uma passagem no filme em que o pai, pastor, descobre que o filho se masturbava a noite. Como castigo, o menino passa a dormir com as mãos amarradas.

Figueiredo & Cintra (2004, p. 14) apontam que a grande inovação da psicanálise moderna, em relação à obra Freudiana, é a pesquisa e aprofundamento da teoria elaborados em torno do objeto. Fairbairn e Melanie Klein foram pioneiros na elaboração das teorias voltadas para as “*relações de objeto*”. Depois, Bion e Winnicott contribuíram com suas clínicas inovadoras e complementaram o que viria ser chamada como

“psicanálise moderna”. Posteriormente, André Green, com seu trabalho sobre o negativo, cria uma metapsicologia baseada em casos clínicos, nos quais as relações de objetos são determinantes nas patologias apresentadas pelos pacientes. Estas não se enquadram no diagnóstico nem das neuroses, nem das psicoses.

Portanto, este tipo de funcionamento psíquico é muito comum na contemporaneidade, como por exemplo a drogadicção, transtornos alimentares (anorexia, bulimia, obesidade), vícios e compulsões sexuais. Esse trabalho pretende investigar uma nova patologia afluída na contemporaneidade: adicção em sexo e pornografia virtual, até porque a internet só tem 30 anos. Para tanto, lança-se mão da teoria Freudiana e da metapsicologia de André Green, no qual ele aborda, como já foi dito acima, as relações de objeto e o funcionamento dos estados-limites. A primeira parte do trabalho apresenta conceitos sobre a internet e o mundo virtual, a fim de esclarecer e contextualizar temporal e culturalmente o tema do trabalho. Escolhi para tratar esse viés da comunicação o teórico Marshall McLuhan, o filósofo Pierre Lévy, que tem se destacado em seus estudos sobre a cibercultura e oferece excelentes contribuições nessa área, e Gilles Lipovetsky, outro filósofo da atualidade que aborda o consumo e o conceito de hipermodernidade.

Na segunda parte, inicia-se com os apontamentos em relação à constituição psíquica do sujeito de acordo com a teoria freudiana sendo aprofundado a teoria das relações de objeto e o trabalho do negativo e os estados-limites, com a metapsicologia de André Green. Para isso, utiliza-se dos textos de alguns comentadores como Luís Claudio Figueiredo e Elisa Ulhoa Cintra, Marta Rezende Cardoso e Talya Saadia Candi. Finalizando, para exemplificar um sujeito que é um adicto em sexo e compulsão em pornografia virtual, exponho um recorte ilustrativo do filme *Shame* (2011), do diretor Steve McQueen, pontuando algumas considerações pertinentes à patologia do personagem que representa muito bem o sofrimento e angústia de um sujeito que funciona psicicamente no estado-limite.

INTERNET: estamos todos interligados virtualmente

Em seu livro *Meios de Comunicação Como Extensões do Homem* (1964), Marshall McLuhan, um visionário teórico, afirma que a primeira experiência humana de tecnologia foi a palavra falada. Por outro lado, os meios que viriam a fazer parte do avanço tecnológico, como o cinema, o rádio, a televisão e a internet, evidenciariam a necessidade humana de criar ferramentas que viabilizassem a comunicação entre os seres humanos. Nesse processo contínuo, o homem vem criando novas ferramentas e formas de se comunicar, sendo a comunicação virtual a mais nova e atual.

A tecnologia e seu avanço atingiram a cultura de forma irreversível. Um grande número de sujeitos é dependente de computadores, aparelhos celulares, *tablets*, entre outros. É inadmissível não estar conectado. Criou-se uma necessidade de adquirir e utilizar os novos objetos de consumo, propostos por uma indústria cada vez mais capitalista. Com o advento da internet, a comunicação se tornou acessível a todos, devido à globalização - imediatista e cada vez mais virtual. A cultura contemporânea é capitalista e tem ampliado vertiginosamente seu “*menu*” de objetos e formas de atuação no mundo. Sabe-se que é ela que norteia os valores, a moda e as tendências do homem, que se adapta e tenta acompanhar tanta oferta, com a promessa de prazer e gozo.

As propagandas são apelativas e manipulam o imaginário de seus consumidores, sempre com a “*promessa de felicidade imediata*”. O imperativo “*conecte-se*” é o verbo mais falado nos últimos anos. Partindo deste pressuposto, em que os sujeitos vêm sendo convocados diariamente a estarem conectados à internet, já que não estar conectado é sinônimo de anacronismo e exclusão da atual sociedade de informação, percebe-se a influência da cultura nessa nova forma de se comunicar ou sublimar seus instintos. O homem, ao longo de sua trajetória evolutiva, sempre criou objetos e satisfações substitutivas para amenizar seu desamparo existencial. Freud já afirmava:

A vida, tal como nos é imposta, é muito árdua para nós, nos traz muitas dores, decepções e tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos prescindir de lenitivos. (“As coisas não funcionam sem construções auxiliares”, nos disse Theodor Fontane.) Esses expedientes talvez sejam de

três tipos: distrações poderosas que nos façam desdenhar nossa miséria, satisfações substitutivas que a amenizem e entorpecentes que nos tornem insensíveis a ela. Algo desse gênero é imprescindível. (FREUD, 1930, p. 60).

A internet e suas diversas distrações não seriam mais um tipo de "*lenitivo*"? Sabemos que o discurso do outro cultural justifica para os sujeitos toda demanda de utilização de objetos tecnológicos, como sendo vantajosa em relação à obtenção de informação, mais tempo e etc. No entanto, não é bem isso que se tem percebido: o sujeito, na contemporaneidade, além de sua demanda existencial - profissional e pessoal, tem que acompanhar a velocidade das informações, estar inserido em uma rede social e consumir todos os objetos que lhe são ofertados pela indústria cultural; afinal possuir um aparelho da marca x ou y virou signo de status e poder econômico.

Muitos sujeitos, na contemporaneidade, tentam aplacar seu vazio existencial e sua falta estrutural com *gadgets* (dispositivos eletrônicos portáteis como celulares inteligentes, leitores de MP3, *tablets*, etc.) e objetos tecnológicos. Estes, oferecidos com o intuito de sustentar cada vez mais o capitalismo, vêm sendo produzidos numa velocidade que quase ninguém consegue acompanhar. Nas palavras de Jorge, analisando o famoso e polêmico filme *As Invasões Bárbaras* (2003), de Denys Arcand, podemos observar esse sintoma que vem contaminando os sujeitos de forma avassaladora:

Os aparelhos – celulares, laptops – fazem parte dessas invasões bárbaras do capitalismo, e uma das cenas mais emblemáticas do filme é aquela em que, destruindo a virtualidade da comunicação com a chama real, Nathalie joga o celular de Sébastien ao fogo, primeira grande conquista "tecnológica" do homem. (JORGE, 2010, pp. 157-158).

O capitalismo se impõe, não há questionamento quanto ao seu sentido. Ele é e se mostra como a única opção de realidade. O capitalismo prescinde de significados, sustenta-se através do mecanismo real do mercado, o que prevalece é o real do sistema. A questão é que esse somente esse real nos conduz para uma sociedade permissiva, onde tudo é possível e válido.

O QUE É ISTO O VIRTUAL?

Pierre Lévy no seu livro *O que é o virtual* (1996), aborda com maestria a virtualidade e suas consequências nas relações, na educação e no mundo. Para Lévy, o virtual opõe-se ao real, no sentido do mesmo ser atual. “*O real seria da ordem do ‘tenho’, enquanto o virtual seria da ordem do ‘terás’, ou da ‘ilusão’, [...]*” (LÉVY, 1996, pág. 15). O filósofo continua:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. [...] O virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. (LÉVY, 1996, pag. 15).

Partindo desse conceito, o virtual se opõe ao atual, ou seja, o processo de atualização seria como a resolução constante do nó de tendências que apresenta a virtualidade; a solução escolhida a cada momento pelo que potencialmente a entidade pode ser. O real se aproximaria ao possível; este que “*[...] já está todo constituído, mas permanece no limbo. O possível se realizará sem que nada mude em sua determinação ou natureza. É um real fantasmático, latente. O possível é exatamente como o real, só lhe falta a existência.*” (LÉVY, 1996, pp. 15-16). Para Lévy, a arte atrai tantas pessoas porque consegue reunir três grandes correntes, que são as linguagens, as técnicas e as éticas. Segundo o autor, é a mais virtualizante das atividades. Só a arte consegue materializar publicamente as emoções e sensações mais íntimas vivenciadas pelo ser humano. Estas emoções, apesar de impalpáveis, é que fazem a vida ser mais bela e excitante. A arte viabiliza experiências subjetivas, que do contrário dificilmente teríamos a oportunidade de vivenciar:

A virtualização, em geral, é uma guerra contra a fragilidade, a dor, o desgaste. Em busca da segurança e do controle, perseguimos o virtual porque nos leva para regiões ontológicas que os perigos ordinários não mais atingem. A arte questiona essa tendência, e portanto virtualiza [...], porque busca num mesmo movimento uma saída do aqui e agora e sua exaltação sensual. (LÉVY, 1996, p. 79).

Apesar da necessidade do olhar do outro para existir também virtualmente e até seduzir, isso não significa que exista um verdadeiro interesse por esse outro. Esse traço narcísico aponta um desejo de se comunicar, nem que seja sob a proteção de uma tela do computador. Para Lipovetsky, esse traço narcísico ameniza inclusive toda a agressividade que existe dentro do ser humano. Poderíamos inferir que seduzir virtualmente também funciona como uma válvula de escape para vários sujeitos. Consequentemente, o isolamento e a agressividade são amenizados. Segundo o autor: *“Esse é o paradoxo da relação interpessoal na sociedade narcísica: cada vez menos interesse e atenção para com o outro, cada vez maior, entretanto, o desejo de se comunicar, de não ser agressivo, de compreender os demais.”* (LIPOVETSKY, 2005, p. 170). A virtualidade é um campo fértil para a sedução. Lipovetsky continua:

Longe de ser um agente de mistificação e de passividade, a sedução é a *destruição fria* do social por um processo de isolamento que se administra não mais pela força bruta ou o enquadramento regulamentar, mas, sim, pelo hedonismo, a informação e a responsabilização. No reinado da mídia, dos objetos e do sexo, cada qual se observa, avalia-se, volta-se mais para si mesmo à espreita da sua verdade e do seu bem-estar, cada qual se torna responsável pela própria vida e deve administrar da melhor maneira o seu capital estético, afetivo, psíquico, erótico, etc. (LIPOVETSKY, 2005, p. 7).

Assim, os signos, os símbolos e os discursos podem ser planejados para obtenção de empatia, sedução, consumo e sexo.

CIBERSEXO

Seguindo a tendência de evolução tecnológica e de globalização, podemos dizer que, através da internet, foram criados vários espaços virtuais; o seu conjunto é denominado ciberespaço. No entanto, vou abordar aqui só o que tem relação com o tema proposto no trabalho: o cibersexo. Quando a moda dos *chats* (salas de bate-papo *online*) chegou ao Brasil, por volta de 1997, muitos profissionais se questionaram de que forma um relacionamento pautado na fantasia poderia interferir no potencial dos sujeitos para a possibilidade de um relacionamento afetivo no real. Tudo era muito novo e experimental. Só o tempo foi apontando as diversas distorções e patologias derivadas desse contexto

virtual, mais um espaço para os sujeitos dirigirem suas pulsões e, nesse caso particular, as sexuais, no sentido estrito da palavra, pois a maioria utiliza o espaço para se masturbar até chegar ao orgasmo.

Esse tipo de espaço favorece a idealização e o narcisismo: só se fala, se mostra e se vê o que se deseja transmitir. No entanto, o que inicialmente começou nos chats, onde o contato era só via teclado, rapidamente se estendeu a *webcams* (câmeras de videoconferência), com áudio e vídeo. Com o tempo, os vídeos pornográficos e os sites de prostituição proliferaram nas redes. Sem dúvida, a internet possibilitou um espaço bem rentável para os empreendedores dos serviços ligados ao sexo. Um ponto interessante a ser ressaltado é que para muitas prostitutas é muito mais seguro em todos os sentidos estar protegida pelo computador, só exibindo seu corpo, do que em contato real com o cliente. Cibersexo é um espaço virtual voltado para os sujeitos exercerem sua sexualidade utilizando a internet e os *gadgets* tecnológicos. Podemos apontar as seguintes atividades como típicas desse espaço:

- Atuações sedutoras em chats ou por e-mail;
- Navegação em sites pornográficos, como *voyeur*, posição passiva diante de chats segmentados apenas para atividades sexuais e voltados para prática da masturbação;
- Utilizar câmeras em tempo real (videoconferência) para práticas sexuais e comportamento exibicionista erótico *online*.

Internet de um lado, oferecendo um campo virtual para as fantasias, e pulsão do outro: quais os resultados dessa união na subjetividade dos sujeitos na nossa contemporaneidade? Será analisado a metapsicologia freudiana, bem como a de André Green: ambos abordaram os efeitos das pulsões, porém Green se deteve também às consequências na constituição psíquica do sujeito em relação à importância dos objetos primários, como sendo matrizes essenciais para um bom ou mau funcionamento psíquico posterior.

ADICÇÃO E ESTADOS-LIMITES

Freud nos apontou em sua metapsicologia que todo sujeito para manter sua homeostase precisa descarregar a tensão. O bebê vivencia um profundo desconforto: o de suas necessidades básicas e sua total dependência de um outro que atenda a sua demanda para que possa sobreviver fora do útero materno. O bebê experimenta um desamparo fundamental, que lhe impõe uma alienação aos cuidados de um adulto. A mãe, ou quem cumprir essa função, será responsável por atribuir sentido ao choro, que denota um sofrimento ligado a uma necessidade, seja frio, fome, dor, etc.

[...] Freud pondera que o princípio de prazer é uma tendência que opera a serviço de uma função cuja missão é liberar inteiramente o aparelho mental de excitações, conservar a quantidade de excitação constante nele, ou mantê-la tão baixa quanto possível. Tal função estaria assim relacionada com o esforço mais fundamental de toda substância viva: o retorno à quiescência do mundo inorgânico. (JORGE, 2010, p. 132).

O primeiro objeto seria um objeto-satisfação, mas também um objeto hostil. Portanto, o outro quem promove a unificação do Ego e do corpo através de uma imagem, que teria a função de unir esses registros. Sob essa óptica, o Ego seria o resultado de investimentos erógenos, associado a uma imagem sempre sustentada pelo outro. Dessa forma, o Ego sempre oscilaria entre se auto investir e investir nos objetos, ou seja, a libido estaria voltada para o Ego ou para o objeto. Nesse nível de constituição psíquica, as pulsões de auto conservação, voltadas para os interesses de sobrevivência não existiriam mais, pois agora as pulsões do Ego são também sexuais. A questão é: quanto o psiquismo pode investir em si e quanto pode ceder no investimento no outro? Esse equilíbrio energético sempre estará presente nos investimentos do Ego e dos objetos:

Com essa outra modalidade de descentramento, portanto, o eu se constituiria a partir do outro, não estando mais na origem, já que seria forjado por derivação, marcado para sempre pelas incidências do outro. Essa incidência seria originariamente alienante, no registro do eu ideal, mas se transformaria posteriormente no registro do ideal do eu, quando a *intersubjetividade* se constituísse, onde ser reconhecido pelo outro seria um imperativo. (BIRMAN, 2003, p. 67).

Sabemos que a pulsão é inesgotável, enquanto vivermos ela nos acompanhará. No entanto, o elo entre pulsão, objeto e afeto nem sempre acontece de forma equilibrada. O corpo não é somente orgânico, o corpo é erógeno. A estruturação do psiquismo do bebê humano se desenvolve de uma forma complexa, dessa estruturação inicial temos o resultado de como esse sujeito irá amar e odiar seus objetos futuros. Green nos aponta como trabalho do negativo, ou seja, a internalização e depois o profundo esquecimento, como se nunca houvesse existido o objeto, embora seus traços mnêmicos estejam lá para sempre, irão marcar inexoravelmente todos os sujeitos. *“Quando lidamos com pacientes cujos psiquismos puderam contar com objetos fundamentalmente eficazes e adequados, a parte do objeto tende a se tornar invisível e inaudível [...]”* (FIGUEIREDO & CINTRA, 2004, p. 16).

Devido à fragilidade psíquica dos sujeitos, estes estão à mercê de suas pulsões internas e externas. Cabe ao *“objeto absolutamente necessário”* dar continência e limite a todo esse caos físico e psíquico que incide sobre esse novo ser humano. (Figueiredo & Cintra, 2004, p. 18). Porém, e quando esse objeto é excessivamente presente ou ausente? Sabe-se que o objeto absolutamente necessário tem a “missão” de erotizar e também amenizar o mal-estar desse sujeito que no futuro se tornará um humano. O bebê só sente as sensações boas e ruins, o quanto seu aparelho psíquico pode suportar o excesso de excitação vindo do seu próprio corpo que sente dor, fome, frio, etc., sozinho ele não é capaz de conter todo esse manancial de sensações, só seu objeto primordial poderá auxiliar nesse processo tão primário de sua existência. O prazer nessa fase é associado à eliminação das tensões. Conforme Cardoso:

As pulsões funcionam a princípio de maneira anárquica e é este último aspecto que se mostra mais importante para compreender-se o autoerotismo, qual seja, o aspecto parcial da pulsão. No primeiro tempo da constituição do psiquismo é preciso imaginarmos um corpo que, estando desviado de suas funções de autoconservação, se constitui como um eu-corpo, ainda sem fronteiras, aberto ao outro. (CARDOSO, 2010, pp. 20-21).

O que pode acontecer quando esse processo do negativo ocorre cheio de falhas? Quando o *“objeto absolutamente necessário”* (FIGUEIREDO & CINTRA, 2004, p. 18) não

pode ser esquecido e deixar somente sua marca no psiquismo? Quando a ausência ou presença traumatizaram de formas indeléveis esse sujeito e não puderam deixar uma vivência de alteridade. Quais as consequências possíveis para esse sujeito no futuro? Qual será sua posição em relação as suas angústias internas e externas? Como ele poderá conviver com a ausência da presença do outro? Na nossa realidade contemporânea, tem-se deparado com as mais diversas patologias que não se enquadram nem no perfil das neuroses, nem das psicoses. Estas ficam entre as duas estruturas, nomeadas como patologias dos estados-limites.

Eis aí a galeria dos horrores dos adoecimentos neuróticos, *borderline* e psicóticos, frutos de uma grave e radical falha no desempenho do “objeto absolutamente necessário” que, nestes casos, nem está suficientemente disponível como “esquecido” - estrutura enquadrante - nem suficientemente distanciado e multiplicado como objeto de atração e repulsão. (FIGUEIREDO & CINTRA, 2004, p. 22).

Dentre elas, estão as drogadicções, os distúrbios alimentares, os vícios. Como são patologias da contemporaneidade, o vício em sexo e a pornografia virtual são cada mais frequentes entre os sujeitos. O que pode levar um homem que possui muito atributos físicos, intelectuais e econômicos preferir buscar incessantemente sites de vídeos pornô e parceiras para fazer sexo virtual do que uma parceira real? Esses sujeitos que são compulsivos pelo sexo se masturbam muitas vezes ao dia, utilizam a internet para se excitarem visualmente e depois chegarem ao orgasmo. A impressão é que a busca desenfreada pela sensação física e o prazer são semelhantes aos dos adictos em drogas e as dos compulsivos por alimentos. A sensação de vazio ou a angustia excessiva só são aplacadas pela sensação física. Não há elaboração psíquica do que o está angustiado, só a urgência em aplacar o mal-estar. Não há um trabalho de pensamento, de questionamento; há uma passagem para o corpo físico, este tem que ser palco de todas as aflições.

Na presença maciça e contínua do objeto primário, não se dão os processos de simbolização. Proliferam então as saídas não-representacionais como a passagem ao ato, as condutas perversas, os adoecimentos psicossomáticos, etc. Há um modo de funcionamento psicótico subjacente a todas estas afecções [...] (FIGUEIREDO & CINTRA, 2004, p. 23).

A capacidade de o sujeito poder suportar no futuro a alteridade do objeto, sua presença e ausência, será construída nessa fase do narcisismo. O Ego e o Superego ainda estão em formação, só o Id impera livremente. Posteriormente, suportar estar só, lidar com seu vazio existencial, estar próximo ou distante dos objetos, será uma prova de como o trabalho do negativo foi realizado, se o objeto pode ser esquecido e negativado ou se o mesmo permanece presente e invasivo. Nesse caso, o sujeito não pode se diferenciar do outro, construir seu espaço interno, seu duplo limite, construir representações. Nos estados-limites, percebe-se que houve uma falha na constituição do narcisismo, na construção da imagem, resultando num Ego frágil, diferentemente da psicose, no qual Ego é cindido.

A operação de defesa para conter o conflito será a clivagem/rejeição, pois o sujeito não consegue fazer elaborações em relação ao sofrimento psíquico. No momento em que a angústia comparece para esse sujeito, a compulsão e a passagem ao ato serão os recursos a fim de amenizar o sofrimento. Por isso as adicções são presentes nos estados-limites, a busca pelo prazer, pelo “*anestesiamento*” no corpo remete àquele estado inicial do narcisismo, no qual a supressão das tensões físicas o levava ao relaxamento e ao prazer. Devido à operação de defesa ser a clivagem, é muito comum este sujeito ter uma vida dupla, sem que ambas se comuniquem. O sujeito, como por exemplo no caso de muitos viciados em sexo e pornografia virtual, leva uma vida “*normal*”; porém, clandestina e privadamente lança mão de seu vício:

O mecanismo de cisão ou clivagem é fundamental para sustentar a importância do limite no desenvolvimento psíquico, pois é ele quem produz uma primeira divisão necessária para a estruturação do psiquismo. Porém, quando esta clivagem se torna radical, o trabalho de representação se torna impossível. (CANDI, 2010, p. 247).

O sexo virtual é uma forma de masturbação; não há troca real nem emocional entre os “*parceiros*”. Ele funciona mais como uma forma de se masturbar, as imagens ou conversas servem somente para intensificar a excitação e consequentemente se chegar ao orgasmo. Não há troca fantasmática entre os parceiros. Os vídeos pornográficos funcionam da mesma forma, são uma versão mais moderna e prática dos filmes pornôns que antes

eram assistidos em videocassetes e DVDs. Nesse sentido, a tecnologia facilitou muito a demanda dos adictos, pois atualmente pode-se assistir a vídeos, além de computadores e notebooks, em *tablets* e telefones inteligentes.

O sujeito adicto pode acessar seu vício com muito mais frequência, em vários momentos do dia e em variados locais, a fim de não só aliviar sua angústia, mas também se proteger do objeto ameaçador que o estimulou excessivamente. Porém, tal sujeito não pode internalizar essa função de estímulo. Sendo assim, ele lança mão de estímulos artificiais para se manter ativo, mais uma forma de não entrar em contato com seu sofrimento psíquico e evitar uma depressão. Na era da contemporaneidade, pode-se “levar seu vício no bolso” e, ao contrário das drogas ilícitas, esses aparelhos tecnológicos normalmente não são proibidos de serem utilizados. Ainda conforme Figueiredo & Cintra:

Por outro lado, com um objeto assim ameaçador e do qual o indivíduo deve se proteger, a função estimulante também não pode ser internalizada, pois seria excessivamente perturbadora; assim, o indivíduo não consegue manter-se vivo e ativo sem um aporte contínuo de estimulação externa e, de preferência, autoproduzida artificialmente (práticas masturbatórias, drogadicção, promiscuidade, etc.). Uma depressão narcísica está sempre à espreita. (FIGUEIREDO & CINTRA, 2004, p. 21).

Frequentemente, homens e mulheres acessam os *chats* na internet para encontrar os parceiros virtuais, ou terem acesso à pornografia. Vivemos em uma cultura na qual se explora e estimula a imagem do corpo feminino em diversos veículos: TV, cinema, internet, etc. O mercado de vídeos pornô para internet cresce vertiginosamente, hoje qualquer indivíduo pode fazer um filme. A era digital facilitou e barateou também a produção desse produto. O que antes era ofertado por serviços de telefone (mulheres ficavam fazendo sexo por telefone com seus clientes), se ampliou para os sites e chats pagos.

Como as drogas, sexo vende, e vende bem; sendo assim, é um excelente mercado para quem vende, já que cada vez mais aparecem dependentes dessa “droga” que, ao contrário das drogas químicas, são mais fáceis de se conseguir e aparentemente não configuram danos físicos e psíquicos aos que a consomem. Qual o limite entre o “normal” e o patológico? O que configura uma adicção por sexo e pornografia virtual? Segundo

Cardoso, nos estados-limites e na patologia das adicções, o objeto para o sujeito não pode ser substituído. Conforme o autor:

O objeto – tornado único e funcionando como último recurso – torna-se a única fonte de satisfação, objeto que não é reconhecido como um outro separado de si, ou seja, ele permanece enredado no circuito da fascinação/servidão, desqualificado, portanto, no que concerne aos seus limites, suas fronteiras. (CARDOSO, 2010, p. 24).

Portanto, de alguma forma, o objeto é “coisificado” e se torna compulsivo e repetitivo, como alvo de paixão, de fascinação e servidão, comum nas fronteiras entre neurose e perversão.

GOZO E PRAZER SEM LIMITES - SHAME: adicção sexual e pornografia virtual.

Uma obra cinematográfica do ano de 2011 abordou de forma bem clara e atual um adicto em sexo virtual e pornografia: *Shame*, do diretor Steve McQueen. O filme gerou certa polêmica devido a sua temática, pois se sabe que a sociedade é geralmente hipócrita quando se trata de assuntos como sexo e morte. Há um recalamento neurótico que, no entanto, retorna sempre através dos sintomas sociais e passagem ao ato que presenciamos em nossa sociedade. O filme aborda um personagem cujo sofrimento é muito intenso e perceptivelmente hermético ao laço afetivo com o objeto, fazendo-nos inferir a possibilidade de que este, devido ao grau e forma de atuar frente a sua angústia, possa estar mais próximo de uma estrutura limítrofe. Será utilizado este personagem, sem necessariamente diagnosticá-lo, mas lançando mão de algumas observações pertinentes ao tema da adicção sexual a fim de ilustrar como esse sujeito, que é um adicto em sexo e pornografia virtual, se organiza frente ao seu sofrimento psíquico e ao outro.

O personagem principal do filme é Brandon Sullivan representado brilhantemente pelo ator alemão Michael Fassbender. A atriz Carey Mulligan faz o papel da irmã de Brandon e que também compartilha do mal-estar do personagem principal. *Shame* é um filme sem pudor, com uma ótima fotografia, onde apesar de aparecerem várias cenas de sexo, as melhores e mais longas tomadas com a câmera são focadas nas expressões faciais de Brandon, possibilitando-nos, como expectadores, identificar a dor e a tristeza sentidas e percebidas pelo olhar do personagem. Aí entra a genialidade do diretor, pois um filme que

poderia correr facilmente o risco de cair em mais um clichê contemporâneo, se tornou uma referência de drama autêntico e passível de muitas discussões em várias áreas, principalmente para nós pesquisadores do universo psicanalítico e cultural.

Brandon é um homem bonito, com uma promissora carreira profissional e vive em New York. O personagem é um homem viciado em sexo de todas as formas, dentre elas, o sexo virtual com prostitutas e sites pornô. Ele utiliza o computador para se masturbar várias vezes ao dia, inclusive em algumas pausas no trabalho, dentro do banheiro. Nós expectadores acompanhamos seu desejo insaciável, suas estratégias em busca de um gozo, que nunca cessa. A angústia e tristeza estão estampadas no rosto de Brandon. O objeto a todo momento aparece e desaparece, sob a forma de promessa e possibilidade de um gozo ainda não experimentado. A cada tentativa de gozo, vemos o personagem tentando calar não só seu desejo sexual, mas também sua angústia. Em nenhum momento do filme essa angústia é verbalizada, não há nenhuma tentativa de entrar em contato com o sofrimento psíquico, emocional e social provocado pelo seu vício. Sua adicção coloca em risco inclusive seu trabalho, pois o computador que ele utiliza na empresa é verificado e este está infestado de pornografia. Voltando a questão da total ausência de simbolização do personagem, a chegada da irmã Sisi, de surpresa, desorganiza a rotina de viciado de Brandon. Sisi, que também uma adicta, mas só que por “*paixões*”, tenta compartilhar com Bradon suas angústias, mas ele não consegue fazer contato com seu sofrimento.

O único movimento de Brandon no qual seu interesse pelo objeto vai além de um instante de sexo e gozo, acontece quando ele se interessa por uma colega de trabalho. Nesse ponto percebemos o total desconforto dele perante uma atitude de sedução mais elaborada, pois para ele sexo normalmente é só descarga física, é só a sensação, a fim de calar o desconforto. Não há afeto, há somente uma repetição física, que por isso é encenada várias vezes ao dia, com prostitutas, sites, etc. Brandon quando vai para cama com a colega, fica impotente. Como sustentar o desejo sexual quando não se tem controle do outro, como numa tela de computador, numa revista ou com o sexo pago? Aí o sexo é uma troca, existe a preocupação com o outro, a libido está voltada para o objeto também, não só para o Ego, para o auto-erotismo. Brandon se angustia tanto com esse episódio, mas a passagem ao ato é rápida e sua saída é a busca novamente da descarga no corpo. Não há

qualquer chance de ao menos se deprimir, ele aciona uma prostituta a fim de amenizar sua frustração.

O que vemos até o seu final é que Brandon tenta amenizar seu crescente e imenso sofrimento psíquico, de forma cada vez mais compulsiva sexualmente, chegando mesmo ao ponto destrutivo. Vemos um homem desesperado, quase numa “*overdose sexual*”, tentando barrar esse gozo mortífero através do gozo sexual. Percebe-se, nesse ponto, o transbordamento pulsional evidenciado nos estados-limites, em que os sujeitos não conseguem limitar essa demanda constante de prazer, como sabemos a satisfação da pulsão é sempre parcial. Em alguns momentos o sofrimento de Brandon e sua compulsão me remeteram ao filme *Império dos Sentidos* (1976), de Nagisa Oshima, no qual os personagens Sada e Kichizo mostram que a morte é o único limite do gozo sexual. Freud (1920) em sua segunda teoria das pulsões nos aponta que há uma tendência pulsional ao aniquilamento, a qual ele nomeou de pulsão de morte.

Na primeira parte deste trabalho, vimos que o trabalho do negativo realizado na constituição psíquica do sujeito é fundamental e determinante para que o sujeito possa no futuro ter objetos substitutos saudáveis, além de constituir recursos que possam conter e simbolizar seus sofrimentos psíquicos. Um objeto absolutamente necessário que não deixou sua marca, se fazendo esquecer, tenderá a ser sempre um objeto invasivo ou demasiadamente ausente.

O trabalho do negativo se resume, então, a uma questão: como, em face da destruição que ameaça tudo, encontrar uma saída para o desejo de viver e de amar? E, reciprocamente, como interpretar todo resultado do trabalho do negativo que habita esse conflito fundamental: o dilema que nos coloca entre a bigorna da satisfação absoluta, de que são testemunhos a onipotência e o masoquismo, e o martelo da renúncia, da qual a sublimação seria uma saída possível? (GREEN, 2010, p. 201).

Podemos inferir que para Brandon o objeto é ameaçador, ele não consegue ligar sua pulsão sexual ao afeto, não há representação desse processo para ele, por isso a aproximação do objeto o imobiliza, o torna impotente. Como suportar essa angústia da presença e ausência do objeto sem ter recursos psíquicos estruturais para tanto? Essa forma primária do personagem de atuar nos remete aos estados limites, em que a falha do

trabalho do negativo os impedem de fazer essa ligação entre pulsão e objeto. O transbordamento pulsional não encontra limites internos, a saída no corpo a fim de amenizar essa torrente pulsional é o único recurso encontrado para esse tipo de atuação psíquica, que não se enquadra nem na estrutura neurótica (no qual o conflito é mais de origem edípica), nem na psicose (desestruturação do Ego). Nesses casos, há um Ego, porém com falhas que não o deixaram amadurecer a ponto de sustentar uma escolha objetual, com estrutura mais edípica.

Pois se o exercício do desejo supõe sempre a entronização da morte e sua aceitação, isto é, a experiência da castração, o amor afirmado diante da perspectiva do desaparecimento é a aspiração a um mais além da morte, à perpetuação da vida mais além da morte. Trata-se, nesse caso, de afirmar o simbólico em toda a sua potência e, com isso, produzir um anteparo para o real. (JORGE, 2010, p. 174).

Brandon representa uma boa parcela da população e nos convoca a questionar como essa adicção está cada vez mais presente em nossa sociedade. Porém, devido ao tabu em relação ao sexo, esse sujeito que tem que conviver com essa compulsão que lhe causa tanto sofrimento, cairá facilmente no julgamento moral do outro, como amoral, sem-vergonha e pervertido, aumentando ainda mais o sigilo e a clandestinidade desses sujeitos que sofrem calados do seu mal-estar. Nas pa

Afinal, Brandon encena seu sintoma no palco do sexo, outros sujeitos utilizam as drogas, as bebidas, os jogos, a religião, o trabalho, e qualquer objeto que sirva para aplacar seu sofrimento psíquico, mas sabemos que, até em relação aos sintomas, alguns são mais “*toleráveis*” moral e socialmente do que os outros, como é difícil para a nossa sociedade narcísica entrar em contato com seus fantasmas cada vez maiores. Brandon é convocado pela demanda de amor e atenção de Sisi, sua irmã, também frágil psiquicamente. Nós, expectadores, ficamos na expectativa de que Brandon consiga entrar em contato com o sofrimento de ambos e quem sabe poder amenizá-lo com o amor que ainda existe entre os dois.

CONCLUSÃO

Dizem os historiadores que a humanidade vivenciou três grandes revoluções: a queda do feudalismo, a Revolução Industrial e a da informação. Em todas elas, percebe-se a influência e mudança marcante na cultura e nas constituições das famílias, primeira célula social dos sujeitos. Na época feudal, a maioria das famílias vivia no campo, e os reis o clero (poder e religião) tinham o poder de controle social e econômico em relação ao povo. Além do pai físico, os sujeitos eram submetidos também à lei do pai social/econômico (rei) e o pai religioso (clero), a submissão ao outro era condição essencial para se existir. A Revolução Francesa, reivindicando direitos iguais, e a Revolução Industrial, na Inglaterra, introduzem novos paradigmas culturais, sociais e existenciais. Com a Revolução Industrial, o espaço físico que se limitava aos campos teve que ser ampliado também e as cidades começaram a surgir. Com o tempo, muitas famílias tiveram que imigrar do campo para as cidades para trabalharem em fábricas, pois o trabalho no campo já não era mais suficiente para a sobrevivência da família. O que se percebe é que em um movimento contínuo as famílias foram se modificando estruturalmente, cada vez mais mães começaram a sair para o trabalho, a manutenção da casa foi deixando de ser obrigação somente do modelo do homem provedor. Sem esquecer da religião que também perdeu sua força e poder com o tempo. Os sujeitos vêm perdendo ao longo dos séculos suas referências simbólicas, o pai e a religião.

A terceira revolução, a da informação, é bem recente, porém, como as outras, já vem fazendo mudanças paradigmáticas na cultura e nos sujeitos. Com o capitalismo cada vez mais forte, principalmente depois da queda do regime comunista em vários países, a globalização se tornou a nova forma dos países atuarem economicamente, ela também tornou a comunicação mais fácil, acessível e rápida. Surgiram nessa revolução aparelhos tecnológicos e *gadgets* que viriam a revolucionar toda forma das pessoas se comunicarem, abriu-se a possibilidade de estar conectado ao outro ininterruptamente e em qualquer lugar do mundo. Como foi abordado nos parágrafos acima, toda revolução causa mudança. Percebe-se hoje que o sujeito “freudiano” é um sujeito fadado ao desamparo estrutural, porém, o homem vem se tornando órfão de “seus pais” a cada geração.

A saída das mulheres em busca de igualdade econômica e sexual vem marcando os sujeitos com uma fragilidade em relação à função paterna, que aparece pouco ou é deficiente na constituição do sujeito e não viabilizando a separação fusional entre mãe e filho. Os homens, resultado das gerações de mulheres que queimaram os sutiãs e conquistaram um lugar na cultura, se tornaram pais mais frágeis, inseguros e, conseqüentemente, menos fálicos para suas mulheres. Ser mãe também atualmente requer uma escolha, que anteriormente era um destino de toda mulher, hoje as mulheres se dividem entre o desejo de ter filho, uma profissão, etc. É mais difícil hoje poder exercer a função materna integralmente, portanto ser “mãe” e ser “pai”, atualmente, é um caminho que é construído subjetivamente por cada um e não ditado como já foi anteriormente.

Devido a essas observações, vê-se hoje também a incidência de novas patologias, como as drogaadicações, transtornos alimentares e adicções ligadas à tecnologia. André Green, com sua experiência clínica, observou que sujeitos que funcionavam em estados-limites não poderiam ser tratados da mesma forma que neuróticos ou psicóticos. Esses sujeitos apresentam falhas profundas em suas constituições psíquicas, que eram conseqüências de sua relação com os primeiros objetos, estes apresentavam também muita dificuldade em simbolizar. Através de sua metapsicologia e seu trabalho inovador - o trabalho do negativo, Green nos proporcionou um novo olhar e uma nova possibilidade de tratamento para esse sujeito que está comparecendo cada vez mais na clínica contemporânea.

Se tentou apontar uma nova patologia contemporânea: adictos em sexo e pornografia virtual, que vem crescendo vertiginosamente. Os objetos e serviços que são oferecidos a esses sujeitos que utilizam a tecnologia em prol de suas adicções são bem rentáveis. A criação e produção de novos aparelhos eletrônicos são incessantes, portanto a cultura e o capitalismo são “*incentivadores*” do consumo desenfreado da tecnologia. Será que essa nova patologia não é de alguma forma interessante aos fins capitalistas? O quanto não se deve ganhar no mundo inteiro com sexo e pornografia? Mas o que há para se oferecer a esse sujeito, com funcionamento no estado-limite, que já em sua constituição psíquica não recebe o amparo necessário para conseguir viver em mundo tão incerto e sem garantias? O mundo muda, as revoluções acontecem, os objetos são produzidos e

oferecidos para que o homem possa satisfazer suas pulsões amenizar sua angústia, sofrimento psíquico e falta existencial: “O programa que o princípio do prazer nos impõe, o de sermos felizes, não é realizável, mas não nos é permitido – ou melhor, não nos é possível – renunciar aos esforços de tentar realizá-lo de alguma maneira.” Freud (1930, p. 76)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. *Freud & a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CANDI, T. S. *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*. São Paulo: Escuta, 2010.

CARDOSO, M. R. *Entre o eu e o outro: espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, 2010.

FIGUEIREDO, L. C.; **CINTRA**, E. U. Lendo André Green: o trabalho do negativo e o paciente limite. In M. R. Cardoso (Org.), *Limites* (pp. 13-58). São Paulo: Escuta, 2004.

FREUD, S. [1920]. Além do princípio de prazer. IN: J. Strachey (Ed.) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. [1930]. *O mal-estar na cultura* (R. Zwick, Trad.). Porto Alegre: L&PM, 2010.

GREEN, A. *O trabalho do negativo* (F. Murad, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 2010 (Originalmente publicado em 1993).

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* (P. Neves, Trad.). São Paulo: 34, 1996.



LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo* (T. M. Deutsch, Trad.). Barueri, SP: Manole, 2005.

MCLUHAN, M. *Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem* (D. Pignatari, Trad.). São Paulo: Cultrix, 1964.

SHAME. Direção: Steve McQueen. Produção: See-Saw Films – Film4. Reino Unido: 2011. 35mm. (101m).